



## Algarve

# Loulé está a moldar um novo futuro para as artes e ofícios tradicionais

Viagens  
Kent, o jardim de Inglaterra



Motores  
A aceleração e o desejo num Ferrari 296GTB

## Loulé Criativo

● Um cadeirão redondo, uma mesa de centro, um saco que, consoante o fundo, tanto se estreita como se alarga num círculo; tudo num desenho limpo e contemporâneo. Materiais? Contraplacado e malha de empreita, uma técnica de enlaçar folhas de palma ou esparto, típica do Algarve. Gonçalo Gama, natural de Olhão, esteve a desenvolver estes e outros objectos semelhantes ao longo dos últimos anos como parte da tese de mestrado em Design de Produto que acaba de defender. A empreita, confessa, não foi a primeira escolha. “Comecei com explorações aleatórias, fui à impressão 3D, mistura com cerâmica, metais, tanta coisa. Depois pensei: porque não experimentar testar as capacidades da palma e ver o que consigo tirar dali?”

Aos 25 anos, Gonçalo não partilha as memórias que Almerinda Miguel há-de contar-nos na Casa da Empreita. Lembra-se de ver sempre cestas antigas lá por casa, mas não cresceu nisto como Almerinda, que aos oito anos já aprendia a fazer “o capachinho para depois pôr em cima da ceira” onde se armazenavam os figos secos para exportação, tudo feito em empreita. “Agora é que a gente tem ganhado um dinheirinho, mas isto já foi a coisa mais reles que havia”, há-de lembrar, enquanto as mãos se guiam sozinhas na trança de “bracinha” com que depois cose a palma. “As mulheres tinham de trabalhar no campo e depois vinham para a empreita.” Quando se casou, Almerinda, hoje com 78 anos, saiu de Boliquire e largou a palma. Durante mais de 20 anos, andou nas limpezas em casa dos estrangeiros



# Em Loulé, o artesanato

Quanto peso suporta uma malha de empreita? É possível soprar plástico como se fosse vidro? E manter o ritmo metálico dos caldeireiros a fazer-se soar pelas ruas de Loulé? O projecto Loulé Criativo quer preservar as técnicas ancestrais para adaptá-las às necessidades de hoje, numa estratégia que pretende criar emprego e adaptar-se a um ciclo sustentável. *Mara Gonçalves (texto) e Duarte Drago (fotos)*



que, entretanto, começavam a viver no Algarve. Voltou à empreita na reforma. “Agarrei-me de uma maneira tal que agora já não sei fazer mais nada.”

Gonçalo já não conheceu esse tempo em que Loulé, pela centralidade na região e importância no sector agrícola, concentrava parte do comércio de frutos secos, atraindo uma rede de artesãos que criavam os utensílios utilizados na colheita, preparação e transporte. Não aprendeu de pequeno, não é herança familiar nem apego à tradição. É “gosto de testar os limites das coisas”, de explorar as potencialidades de uma fibra vegetal como a palmeira-anã, que nasce espontaneamente nos campos algarvios. “Como posso tingir a palma de outra maneira? Como posso usá-la para outros contextos? Qual é a capacidade máxima de carga?” Da última questão, nasceu o cadeirão, por exemplo. Das preocupações com o desperdício, nasceram objectos com dupla função e que permitem facilmente separar a estrutura em madeira da malha de empreita, caso seja necessário reparar ou substituir uma das partes.

Recriar os objectos de outro tempo não o atrai, mas foi na Casa da Empreita que Gonçalo veio conhecer as técnicas. “Só vim aprender com este propósito, em dois *workshops*.” Depois, uma vez incubado no Loulé Design Lab, foi desenvolvendo o projecto. “Foi a Margarida [Cortez], da Casa da Empreita, que me ensinou e quando precisava ia lá para ela ver se isto estava bem ou não”, recorda. “Não quero radicalizar e dizer que [o tra-

dicional] não presta. Quero radicalizar no sentido de mostrar que, se calhar, está aqui mais uma alternativa.”

### Materiais tradicionais, olhar contemporâneo

Desengane-se quem vai a Loulé à procura da romantização museológica de um passado que não volta. Sim, muitas matérias-primas são as mesmas - do ponto de vista da pegada ecológica, fará sentido utilizarem-se os recursos existentes na região. Sim, muitas técnicas são as mesmas - o saber-fazer transmitido de geração em geração compreende um conhecimento empírico valioso no trabalhar dos materiais. E, sim, muitos objectos são os mesmos - porque a necessidade mantém-se ou foram adaptados a outros usos (pense-se na cataplana, ainda utilizada, ou nas cestas que, em vez de frutos secos, poderão guardar agora uma infinidade de outras coisas).

O objectivo do Loulé Criativo passa por “recuperar estas tradições e o artesanato mas no mundo contemporâneo”, frisa Dália Paulo, directora municipal de Loulé. Aquilo a que hoje chamamos artesanato existe porque outrora foi uma “necessidade da sociedade”. “Este projecto também nasce um bocadinho com essa vontade de reinventar o artesanato como modelo de desenvolvimento económico, mas assente nas necessidades de hoje, naquilo que é uma economia mais verde, mais circular”, afirma. “Não o queremos fazer do ponto de vista da história nem da museologia, que vão olhar



para o passado. Queremos fazê-lo como algo que vai impactar no presente, nos nossos modos de vida actuais.”

O projecto, iniciativa da câmara municipal, tem ganhado novas peças com o passar dos anos. No início, surgiu pela vertente do turismo criativo, com o desenvolvimento de vários *workshops* para atrair turistas à cidade, localizada no interior do Algarve, com vontade de experienciar “aquilo

**Na página ao lado, Analide Carmo, caldeireiro, na sua oficina de Loulé; nesta página, Gonçalo Gama e o cadeirão que desenvolveu**

que é local e genuíno”, contam-nos. Entre os diferentes artesãos e designers ligados ao projecto e uma rede de parceiros no concelho, o calendário estende-se com iniciativas ao longo de todo o ano (ver caixa), procurando contribuir igualmente “para diminuir a sazonalidade” do sector, aponta Dália. Já a rede de oficinas nasce com a urgência de preservar, dar visibilidade e valorizar os diferentes saberes-fazer, dada a idade avançada da maioria dos artesãos. Actualmente são cinco, espalhadas pelo centro histórico, onde é possível conhecer os artesãos, vê-los a trabalhar e comprar algumas peças. Em breve, vão abrir mais duas oficinas: uma dedicada aos têxteis e outra ao esparto, esta em Sarnadas, na freguesia de Alte.

O Loulé Design Lab, criado em 2017, veio rematar o conceito com “uma vertente mais de design e contemporaneidade”. “Nasce precisamente de uma residência artística, em que juntámos artesãos e designers para criar peças de utilidade para a sociedade contemporânea.” Com salas multiusos, *ateliers*, um miniestúdio de fotografia, carpintaria e espaço de residência, acolhe projectos em período de incubação das mais variadas áreas, residências artísticas e formações. O Palácio Gama Lobo, entretanto recuperado, integra desde 2019 a sede do Loulé Criativo, com os diferentes espaços do Design Lab e, no piso térreo, uma sala de exposições temporárias (até 28 de Maio, exibe-se *A Chaminé Algarvia*, do fotógrafo Filipe da Palma) e a loja onde estão à venda muitas das peças ali produzidas. As três vertentes do →

# reinventa-se para dar resposta ao futuro



# Loulé Criativo



## Loulé Criativo (sede)

Palácio Gama Lobo,  
Rua da Nossa Sra. de Fátima  
Tel.: 289 400 829  
E-mail: loulecriativo@cm-loule.pt  
Site: loulecriativo.pt  
www.facebook.com/loulecriativo  
Instagram: www.instagram.com/  
loule\_criativo



projecto - turismo, oficinas e design - vão-se interligando, com uma componente transversal de formação, seja em pequenos *workshops* vocacionados para o turismo ou cursos de médio e longo prazo.

## Do desperdício à inovação

Nesta viagem ao lado mais criativo de Loulé, começamos precisamente no labirinto de salas e oficinas do Design Lab, onde vamos conhecendo alguns dos projectos incubados actualmente (estão em avaliação mais 17 candidaturas). Há quem trabalhe os têxteis naturais, seja na fição de lãs portuguesas (e mistura de desperdício de outros tecidos para dar cor), como é o caso de Susan Sutherland, escocesa a viver no Algarve há 30 anos e com vontade de “continuar um património tradicio-

nal do país” e mostrar “às pessoas que podem usar as coisas que estão perto e começar a trabalhar sem saber quase nada”, como ela, que aprendeu a fiar em pleno confinamento, através da Internet; seja na produção de vestuário para criança e almofadas com ervas aromáticas “que ajudam a dormir melhor”, criados por Marta Lourenço.

Já Sandra Neto desenvolve “superfícies e revestimentos aplicáveis nos sectores da arquitectura, design, construção ou decoração” com desperdício, numa perspectiva de economia circular. Quase tudo serve para criar o enchimento dos blocos, aglomerados com “colas semiorgânicas ou resinas”, desde leguminosas fora do prazo a limalhas, escovas de vassouras, restos de cimentos e argamassas, resíduos da limpeza de jardins, de madeira, vidro, indústria

têxtil... “Sempre tive um fascínio muito grande pela aparência dos materiais e texturas e isto foi uma maneira de tirar essa paixão da gaveta”, conta a arquitecta.

Leny Farenzena, também arquitecta, cria mobiliário numa conjugação entre o “material em ferro” que sobra da fase de construção e as técnicas artesanais locais. “Acho essencial que a gente mantenha e que, ao mesmo tempo, também traga um desenho um bocado mais inovador para fazer peças fora do tradicional”, defende. “O Algarve tem a vantagem de ainda ter muitos artesãos a fazer este tipo de coisas.” Do fio de bracinha surgiu um abajur, já fez poltronas e cadeiras com tabua, “uma técnica muito antiga e que muito pouca gente ainda trabalha” na região.

Mas não se pense que a inovação vive apenas no Design Lab. Também

os artesãos mais velhos vão imaginando peças novas. Na Casa da Empreita, Almerinda lembrou-se um dia que, quando era pequena, a mãe tinha um tapete de empreita com uma técnica de ripas. “Nunca vi fazer isto, não sei se estou a fazer bem ou mal”, aponta. O certo é que ali, entre as 12 artesãs da empreita, as ripas já se tornaram a sua imagem de marca. Desafiaram-na a fazer “um chapéu, um saco, depois um candeeiro”. “Muitas vezes pensamos que têm de vir pessoas de fora para lhes dar ideias novas mas, às vezes, é só o estímulo. E se fizéssemos isto? E da cabecinha delas sai tudo”, diz Teresa Mascarenhas, técnica da autarquia responsável pela coordenação das oficinas, artesãos e formação.

O último desafio foram candeeiros em empreita, já na pandemia. Deram-lhes as medidas do casquilho,

Em cima, Marta Lourenço, Domingos Gonçalves “Xavier” e Leny Farenzena



alguns esboços para inspiração. Em vez dos 12 formatos esperados, resultaram “dezenas com desenhos diferentes e largas centenas” produzidas. “No Verão passado, devo ter feito uns 50”, contabiliza Almerinda. “Tenho encomendas e atrás de uma faço outra. Tenho tido trabalho todos os dias.”

### Tradicional e moderno, lado a lado

Na Oficina do Barro, o tradicional e o moderno convivem porta com porta. De um lado, Domingos Gonçalves “Xavier” trabalha na roda de oleiro, pelo método ancestral. Mostra-nos fotografias do tempo em que o barro ainda era colhido nas redondezas, misturado e deixado a secar no chão frente à olaria. “Em determinada altura, chegou a haver 30 em funcio-

amento”, recorda Teresa. Era famoso o barro branco da região, muito resistente à água, ideal para moldar os alcatruzes com que se apanhavam os polvos, ou se faziam as anilhas das canalizações e outros utensílios. “Lembro-me que fazia um [alcatruz] em dois minutos e comecei a ganhar uma paixão por isto.” Hoje, são as chaminés algarvias que lhe dão “alegria”. Vemo-las por todo o lado, de vários tamanhos, cores e feitios. Gosta de idealizar o rendilhado que lhes é característico, sempre diferente, e fazer peças “onde ponha o nome” com orgulho.

Mas também para Xavier as mãos no barro são um regresso. Nenhum dos mestres artesãos que conhecemos no passeio fez da sua arte profissão ao longo da vida, enveredando por outros trabalhos mais bem remunerados para regressar ao artesanato

perto da reforma. O Loulé Criativo pretende contrariar a tendência. “Quando trabalhamos a capacitação dos artesãos, trabalhamos também a auto-estima e a imagem dos artesãos na sociedade, para que estas profissões percam a conotação de um passado de pobreza no Algarve, em que eram um suplemento para o agregado familiar”, aponta Dália. “Queremos acrescentar aqui valor no sentido de poderem ser um emprego, não um suplemento nem trabalho de segunda categoria, mas um emprego como outro qualquer.”

“Há muito a ideia de que o que é feito à mão é o artesanato da aldeia, em que as pessoas vendem as caçarolas a dois ou três euros. Aqui já é mão-de-obra especializada”, compara André Silva Sancho, na olaria ao lado, onde estão os projectos de incubação

no sector da cerâmica. “Eu sou licenciado, a Betty também e tem 15 anos de experiência na cerâmica, mais outros tantos em design de moda. Já não é aquela história tradicional do pai ou avô que eram oleiros. É um mercado diferente.” “Aliás, é por isso que tem vindo a desaparecer, porque não há forma de sustentar um negócio assim”, acrescenta Bernadette Martins, relembrando a concorrência de outros mercados e materiais na produção de cerâmica utilitária convencional.

Sobre a mesa da entrada, estão dois trabalhos que estão a fazer em parceria: um serviço de mesa personalizado para um restaurante de Faro (“Em média, vai custar 30€ cada peça”) e um mexilhão gigante extraordinário, em grés e porcelana, com um candeeiro da BlowPlastic dentro (outro projecto de André →

## Loulé Criativo



Almerinda Miguel na Casa da Empreita; Sandra Neto e André Silva Sancho na olaria



Quando voltou fez-me lembrar a minha infância”, recorda Teresa. Naquela fotografia em destaque num calendário antigo, Analide surge precisamente entre outros trabalhadores numa das duas grandes oficinas que existiam naquela rua junto ao mercado icónico de Loulé. Analide era então “um borrachinho” com 17 anos. “Quando saí da escola, aos 12 anos, fui logo trabalhar para o ofício”, conta, enquanto demonstra como se vão moldando duas chapas de cobre para criar uma cataplana. O utensílio mais característico da gastronomia algarvia é o que mais se vende na Oficina de Caldeireiros. Cada uma leva dois dias de labor, com preços a partir de 80€ (dependendo do tamanho).

Na janela virada à rua, dois turistas deixam-se ficar enquanto Analide dá fogo ao cobre para que este se deixe moldar, de repente submisso às mãos enegrecidas do mestre. “Quando vim da Guiné ainda vim trabalhar mais três ou quatro anos nisto, depois é que fui para a Cimpopor. Deram-me mais dinheirinho e fui para lá.” Durante 43 anos, Analide esteve arredado de cataplanas, tachos e martelos, até que um antigo colega da cimenteira se lembrou das memórias que contava. Do Loulé Criativo, pediram-lhe que fizesse um tacho, depois uma tacha. Levaram “mais tempo a fazer” do que seria habitual, porque “faltava o ritmo do braço”, desabituaado à cadência metálica, mas “foi um gosto começar com isto novamente”.

A Oficina de Caldeireiros foi uma das primeiras a abrir. Dos seis participantes no primeiro curso, dois mantêm-se no ofício, incluindo o alemão Jürgen Cramer, ao nosso lado, com mais gosto por peças contemporâneas e decorativas. Actualmente, estão mais três pessoas em formação. “No outro tempo, ninguém ensinava nada à gente. Queriam era que se queimasse, areasse e daí segurasse nas peças”, recorda Analide. O segredo era a alma do negócio e era preciso ter olho para aprender os gestos à distância. Mas os tempos são outros. “Isto é uma coisa que, se eu não estivesse, perdia-se aqui.” Com Analide ressuscitou-se uma arte e resgatam-se agora as técnicas do cobre e do latão para passar o testemunho às gerações futuras. Para fazer cataplanas, jóias, candeeiros ou objectos por inventar. “É um gosto que eu tenho, ensinar, porque é o que deixo cá quando morrer.”



no Design Lab, utilizando a técnica de sopro tradicional aplicada ao plástico de base vegetal), vendido a um estúdio de design sediado entre Miami e Lisboa. “A minha formação é de design de produto aplicado à cerâmica e ao vidro, mas soprar vidro custa cerca de 150 euros por hora. Não tenho esse dinheiro, então tive de criar a minha técnica para ter a experiência do sopro e os resultados, num material e custos energéticos muito mais acessíveis.”

Natural de Faro, André decidiu regressar ao Algarve para “arriscar uma carreira como *freelancer*” e, ainda que “o plástico seja o inimigo número um do marketing ecológico da nossa geração”, lembra que a técnica é não só inovadora (“Não sei de ninguém que esteja a soprar plástico”), como “mais viável a nível de pegada ambiental do que uma peça de vidro” se tivermos em conta os custos energéticos da transformação da areia em vidro e posterior reciclagem e a intenção de durabilidade das peças da BlowPlastic, feitas para decoração ou instalação de luz.

Os *workshops* e cursos - que na área da cerâmica e azulejaria “ultimamente são uma loucura, em menos de nada esgotam”, aponta Teresa - são para Bernadette tam-

bém uma forma de as pessoas começarem a valorizar a profissão, mesmo que venham apenas aprender um novo *hobby*. “Sentem logo ali o trabalho que as coisas dão e, a partir daí, passam a dar outro valor.”

### O resgate da caldeiraria

Voltamos às ruas de Loulé, caminhando de oficina em oficina, agora para conhecer a história de Analide Carmo, para Dália “a mais bonita” de todas. A arte da caldeiraria tinha aca-

bado na cidade - e em todo o Algarve - com a morte do último mestre há cerca de uma década. Não havia cursos de formação na área, nenhuma oficina aberta nem se sabia de ninguém que ainda conhecesse a técnica de trabalhar o cobre e o latão. Até surgir o senhor Analide.

Ainda não vislumbrámos a oficina e já o martelar ritmado contra a chapa anuncia que estamos por perto. “Vivi durante muitos anos na rua dos caldeireiros, então este som para mim era muito característico.



### Rede de Oficinas

**Casa da Empreita:**  
Rua Vice-Almirante Cândido dos Reis, 20  
**Oficina dos Caldeireiros:**  
Rua da Barbacã, 26  
**Oficina do Relojoeiro:**  
Rua do Bocage, 7  
**Oficina do Barro:**  
Rua Martim Moniz, 43 e 45  
**Oficina de Cordofones:**  
Urb. Solar das Palmeiras, lote C, loja B sul  
**Casa da Tita**  
Nave do Barão - Salir (Loulé)  
GPS : N 37 13.335 W 8 04.12  
Tel.: 289102051 / 932703932  
E-mail: casadatita@gmail.com  
Site: casadatita.pt  
www.facebook.com/casadatita

## Casa da Tita e Quinta da Tôr

# Nave do Barão, terra de vinho e mentirosos

“Tudo isto que estão a ver era vinha até ao século XIX”, conta Joaquim Guerreiro, apontando para um manto denso de amendoeiras. Vínhamos para vê-las em flor, como numa das experiências turísticas que a Casa da Tita, alojamento rural na Nave do Barão, organiza todos os anos (com passeio, almoço e *workshop* de queijos de amêndoa), mas encontramos já na transição para a Primavera, entre flores brancas e muitas folhas verdes a despontar.

As árvores que agora vemos “foram plantadas na sequência da tragédia” da filoxera, que dizimou grande parte das vinhas em todo o país, tendo sobrevivido, nesta zona, apenas aquelas que se situavam mais perto da lagoa, um espelho de água sazonal que a seca fez desaparecer por completo este Inverno, intuindo-se apenas pelo terreno mais lodoso junto à fonte.

A tradição vinícola, no entanto, remonta ao século XIII e teria tanta fama que parte da produção era enviada para a corte do rei. Ainda hoje, o hábito de produzir vinho mantém-se, ainda que a uma escala familiar. Nos últimos anos, é organizado na Nave do Barão um festival de vinho artesanal, com concurso aberto a todos os produtores caseiros do concelho de Loulé que queiram participar. A próxima edição já tem data marcada. “Vai ser a 21 de Maio”, revela Joaquim, que também é o presidente da associação Os Barões, que organiza o evento.

Depois de uma vida como professor na zona de Lisboa, Joaquim e a família decidiram mudar-se para a Nave do Barão, aldeia do interior da freguesia de Salir, para criar um alojamento turístico na casa que a tia, a Tita, lhe tinha deixado. “Eram pessoas muito abastadas, em termos de propriedades agrícolas”, recorda Miguel, filho de Joaquim, enquanto vamos percorrendo o corredor da casa onde estão expostos alguns objectos da família. “A recepção é no antigo armazém, um dos quartos era a cabana dos burros, outro o celeiro, outro a cisterna.” Para quem quer “fugir de tudo” por uns dias, “é o melhor sítio para se estar”, garantem, já que os serviços de rede móvel e Internet não chegam em pleno, sobrando tempo para descansar e desfrutar da natureza.

Conta Joaquim que a pequena aldeia, encaixada num vale plano entre cerros, “tem duas características históricas”: “Uma é a produção vinícola, a outra é o facto de ter deci-



FOTOS: DUARTE DRAGO



### Quinta da Tôr

Estrada EM525

Tôr – Loulé

GPS: 37.1841187,-8.0272455

Tel.: 968 427 271

E-mail: geral@quintadator.com

Site: quintadator.com

Facebook: www.facebook.com/quintadator

Instagram: www.instagram.com/quintadator

meus dez anos que vinha ajudá-lo no campo”, recorda. “Todas as minhas brincadeiras foram aqui na ribeira e nesta zona. Conhecia muito bem [o sítio] onde as vinhas estão actualmente, porque eram as hortas. Mas não conhecia o monte porque isto tinha um caseiro e os miúdos não tinham autorização para vir aqui.” Quando soube que a quinta estava à venda, depois de pertencer à mesma família durante “mais de 500 anos”, Mário decidiu vir “por curiosidade para conhecer” os edifícios por onde nunca tinha podido aventurar-se. “Só que fiquei encantado com a paisagem, com o terreno, e com o próprio monte”, recorda, enquanto visitamos a adega.

Em cima, a Quinta da Tôr, onde tudo gira em torno do vinho; em baixo, a Casa da Tita, o turismo rural de Joaquim Guerreiro e da família na Nave do Barão



dido ser a terra dos mentirosos”, ri-se. Entre a comunidade, foi-se criando o costume de pregar partidas uns aos outros e, sobretudo, aos forasteiros que por aqui passavam. “Inventavam apanhados muito mais requintados do que aqueles que se vê na televisão e alinhavam nas histórias uns dos outros.” Garrafões que, em vez de vinho, levavam areia; autocarros que passavam à meia-noite para levar os jovens à discoteca; coelhos que faziam ninhos em melancias. As histórias vão desfilando, par-

te delas contadas no livro *Nave do Barão - Memória e identidade*.

### Os vinhos da Tôr

O calendário de experiências turísticas do Loulé Criativo tanto inclui *workshops* realizados pela equipa do Design Lab ou dos artesãos na rede de oficinas, como actividades organizadas por parceiros espalhados um pouco por todo o concelho. Na Casa da Tita, há sempre a experiência ao ar livre, em contacto com a natureza

e as tradições locais, e depois uma componente de aplicação culinária, como na apanha da azeitona. Já na Quinta da Tôr, a poucos quilómetros de distância, tudo gira de novo em torno do vinho, sendo a única produtora no concelho (em termos comerciais), com provas complementadas com *workshops* de sabonetes ou chocolate, por exemplo.

Mário Santos comprou a quinta quase “sem querer” em 2011. “O meu pai tinha uma pequena horta arrendada aqui na quinta e desde os

Sem experiência no ramo, para além de uma parcela de vinha de família na Nave do Barão, Mário decidiu comprar a quinta e começar a recuperar os dez hectares de vinha. Entretanto, foram plantados mais dois. A primeira garrafa foi vendida em Abril de 2014. O vinho mais emblemático, um monocasta de Syrah, nasce de inexperience e teimosia. “Atrásamo-nos talvez uma semana na vindima e quando mandámos para análise tinha 17º de álcool”, recorda. Tanto o enólogo como o distribuidor afirmavam que não se venderia, mas Mário provava “e era o que mais gostava”. “Fizemos 3500 garrafas.” Convenceu o distribuidor a experimentar colocar à venda e acabou por vender tudo “num mês e meio”. Actualmente, “é um vinho que, à partida, está sempre vendido”.

O projecto está agora a expandir-se, com a aquisição de uma nova propriedade no concelho de Lagos. “Estamos a renovar as vinhas também, e permite chegar aos 32 hectares [de produção].” Em breve, deverá começar a erguer-se a adega, com um espaço de loja e provas, num conceito semelhante à da Tôr.

Mara Gonçalves